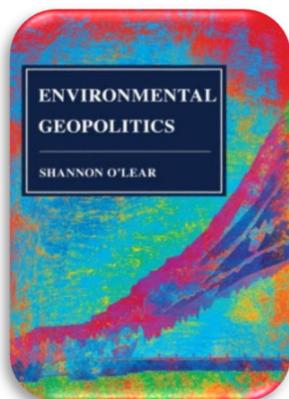


GEOPOLÍTICA AMBIENTAL: A QUEM SERVE O DISCURSO DOMINANTE?

Environmental Geopolitics: Who Dominant Discourse Serve?

Maria Fernanda Rezende Arentz¹



O'LEAR, Shannon. **Environment Geopolitics**. London: The Rowman & Littlefield Publishers Group, 2018. 216 p.

RESENHA

À medida que nos aproximamos da 30ª Conferência das Partes (COP30) da Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre a Mudança do Clima (UNFCCC), o estudo da geopolítica ambiental ganha relevância cada vez maior na arena global. Questões prementes como a justiça climática, transição energética, redução de emissões de carbono e a resiliência das comunidades vulneráveis estarão no centro das discussões internacionais. Sob essa perspectiva, o livro de Shannon O'Leary, *Environmental Geopolitics*, traz uma análise crítica pertinente, destacando como os discursos predominantes sobre meio ambiente e segurança climática são frequentemente moldados por interesses políticos e econômicos específicos.

Assim, a partir de uma abordagem que examina de que forma os temas ambientais são utilizados como suporte a argumentos no campo da geopolítica, Shannon O'Leary tece uma obra crítica muito bem estruturada, que se sustenta em uma reflexão de como os aspectos do meio ambiente (recursos, clima, serviços ecossistêmicos etc.) são compreendidos e representados sob a ótica de risco e segurança e em termos de poder e espaço.

¹ Oceanógrafa, atua como Assessora de Assuntos Marítimos na Marinha do Brasil (MB), mestre em Engenharia Oceânica pela UFRJ, especialista em Geologia e Geofísica Marinha pela UFF e pós-graduanda em Relações Internacionais e Diplomacia pelo IBMEC. E-mail: mfrezende@hotmail.com

Ao longo da narrativa, a autora reitera que, em discursos acadêmicos e não acadêmicos, o papel e o significado do meio ambiente raramente são especificados em sua abrangência, dinamismo, e escalas temporais e espaciais; que as análises sobre as questões ambientais tendem a ser seletivas e a omitir as dinâmicas de poder que existem por trás de interesses políticos e econômicos; e que atenção insuficiente é dada às relações humanas/ambientais cujas interações não ocorrem de forma uniforme pelo globo.

A partir dessas constatações, O’Lear didaticamente propõe uma análise que desconstrói os discursos dominantes em quatro subtemas principais, apresentando as complexidades escondidas nas generalizações e nos juízos de valor obscuros que promovem uma agenda particular, cuja moldura atende a interesses bastante específicos, os quais devemos questionar, abrindo espaço para um dissenso inteligente e para respostas alternativas.

Fazendo uso dos conceitos de materialidade (concreto, tangível), incorporação (experiências vividas, identidades culturais) e práticas (ações, comportamentos), o livro avalia e debate de que forma certos discursos encontram-se cristalizados na mídia, em artigos científicos, e em relatórios de agências governamentais e não governamentais, provocando uma reflexão sobre o que vem a ser meio ambiente e onde se encaixa o ser humano nesse contexto, considerando o advento de uma nova era: o Antropoceno, em que o ser humano e a natureza se confundem.

Os subtemas tratados no livro são: aumento populacional e meio ambiente; conflitos e violência no uso de recursos naturais; mudanças climáticas e segurança; e a aplicação da ciência para solucionar problemas ambientais.

Quando explora os impactos do aumento populacional e o ambiente, uma análise puramente malthusiana, que trata da escassez de recursos naturais, é contextualizada historicamente, sendo apresentada a possibilidade de que certas premissas devam ser contestadas com argumentos não tão simplistas e determinísticos para questões como crise hídrica, exploração de petróleo e segurança alimentar. Para tal, O’Lear sugere um olhar sobre a abundância de recursos e não apenas sobre a escassez, sobre a distribuição desigual dos mesmos e sobre análises que indicam uma taxa de crescimento populacional global decrescente. Além de uma avaliação baseada em gestão sustentável e avanços tecnológicos, devem ser consideradas questões como equidade, justiça e processos de tomada de decisão.

Na análise da violência e dos conflitos advindos do uso de recursos naturais, o enfoque vai além dos aspectos físicos relacionados aos recursos, como commodities em espaços geográficos

específicos e conflitos pelo uso desses recursos, mas procura compreender as relações entre estruturas ambientais e humanas na forma de “o que está sendo assegurado e para quem” e, dessa forma, desvendar o que pode ser considerado como um processo de violência lenta, em que certas dinâmicas de poder são exercidas e justificadas em um contexto insidioso.

Ao abordar mudanças climáticas, com o mesmo espírito crítico ao discurso ambiental do “eles versus nós”, a autora reflete sobre as políticas estadunidenses frente às inúmeras ameaças decorrentes do impacto causado por esse problema global, que excluem as atividades humanas como causa subjacente ao processo, que não avaliam o problema sob uma escala apropriada e tampouco suscitam soluções criativas e inovadoras para o enfrentamento de tal ameaça.

Uma parte interessante do livro repousa na afirmativa de que a ciência ambiental, em suas diversas metodologias, enfoques e práticas, pode ser utilizada de forma seletiva e incompleta para apoiar argumentos políticos relacionados à segurança e risco. Neste ponto, Shannon O’Lear oportunamente convida o leitor a realizar uma análise crítica sobre os argumentos científicos, de forma a não serem tratados como uma “caixa preta”, mas sim observados sob uma ampla variedade de perspectivas, algumas das quais complexas e subjetivas. Ao questionar as premissas que pautam o status quo da agenda ambiental de forma precisa e embasada, sempre com uma lente crítica e inquisitiva, Shannon O’Lear provoca-nos a repensar os discursos dominantes e os atores globais que deles se beneficiam.

Com uma visão afinada ao contexto contemporâneo, o livro oferece uma perspectiva esclarecedora que pode informar e desafiar as narrativas presentes nas negociações climáticas globais, no que tange à COP30, encorajando um olhar mais preciso e equitativo sobre as dinâmicas de poder que permeiam as soluções propostas para os desafios ambientais do século XXI.

Por conseguinte, o livro *Environmental Geopolitics* pode ser qualificado como uma bibliografia atual e obrigatória para os responsáveis pela implementação de políticas públicas ambientais, considerando a pluralidade de aspectos socioeconômicos envolvidos. A leitura é, da mesma forma, recomendada para os interessados em temas como análises de risco, defesa e soberania nacional, direito ambiental e repartição de benefícios derivados da exploração de recursos naturais, inovações tecnológicas no campo da energia, da exploração sustentável de recursos, biotecnologia, entre outros tantos temas que podem se beneficiar da abordagem crítica presente no campo da geopolítica ambiental. **Shannon O’Lear** é professora de Geografia e Estudos Ambientais na Universidade do Kansas. Seus livros incluem *Política Ambiental: Escala e Poder* (Cambridge, 2010) e *Reframing Climate Change: Constructing Ecological Geopolitics* (Routledge, 2015).